



João Carlos Brum Torres

Entrevista Gente de Casa

Professor Brum Torres, coordenador do PPGFil, descreve sua trajetória e fala sobre o desafio do sistema universitário brasileiro

Professor, conte-nos um pouco sobre sua trajetória acadêmica e profissional. Como surgiu seu interesse pela Filosofia?

Embora o surgimento de nossos interesses intelectuais nem sempre seja transparente, no caso de minha preocupação com a filosofia posso descrever com precisão as circunstâncias em que ela se formou: foi há cinquenta anos, em 1961, quando, vindo de Cacapava do Sul, voltei a Porto Alegre, aos 15 anos, para estudar no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Vi-me então jogado em meio ao intenso, desconcertante e para mim totalmente desconhecido e inesperado clima intelectual e político que havia ali. Foi esse ambiente – em que a forte presença do marxismo associava a intensa politização dos jovens estudantes à contestação às crenças religiosas – que me fez despertar para as questões culturais em geral e para a filosofia em particular.

A sua produção acadêmica é reconhecida nacional e internacionalmente. Fale-nos dessa trajetória.

Não creio que se possa dizer que minha produção seja reconhecida internacionalmente, ainda que eu tenha amigos e publicações fora do Brasil. Como estava dizendo, comecei com a filosofia ainda na escola secundária. Em 1963, fiz vestibular para a Faculdade de Direito e para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFRGS. Fui bem em ambos os exames, e esse sucesso inicial contribuiu para consolidar meu interesse pela leitura e pelo estudo. No decorrer dos anos de graduação, meu interesse maior pela filosofia se confirmou. Formado em 1967, já em 1968 fui contratado como auxiliar de ensino, por indicação do Prof. Gerd Bornheim, caxiense, de quem tive a

honra de ter sido assistente. Em 1969, fui expulso da Universidade, juntamente com os Professores Gerd Bornheim, Ângelo Ricci, Ernildo Stein, Dionísio Toledo e vários outros colegas. Em vista disso, em janeiro de 1970, viajei para Paris, onde fiquei até julho de 1974. Inscrito em Vincennes, um centro universitário de extrema esquerda, dediquei-me ao estudo de Marx, e, especialmente, da teoria do valor, de onde resultou uma dissertação de mestrado curta e complexa, que viria a tornar-se o livro *Valor e forma do valor* (Símbolo, São Paulo, 1979). Nesses anos parisienses, dediquei-me também aos estudos de economia e política brasileira, sob a coordenação do economista Pierre Salama, de onde resultou a minha primeira publicação: um artigo intitulado “Notes sur le rôle de l’Etat dans le développement du capitalisme au Brésil”. Na área da filosofia, nesses anos, segui principalmente os cursos de Deleuze em Vincennes e de Foucault no Collège de France, fascinado pela precisão e pelo caráter inovador das investigações do segundo e pela profundidade e pelo brilho das aulas do primeiro. Em 1976, retornado ao Brasil, mas impedido pelas disposições do AI 5 de dedicar-me ao ensino universitário em instituições públicas, fui contratado pela Assembleia Legislativa do estado, para integrar o Gabinete de Assessoramento Superior, então coordenado pelo economista e amigo, de feliz memória, Francisco Carrion Júnior. Dali ficou uma relação próxima com a política gaúcha, que, alguns anos depois, me levou por duas vezes às funções de Secretário de Estado. Em 1979, com a anistia, logo depois da reintegração na UFRGS, licenci-me para atender ao convite do Departamento de Filosofia da Unicamp. Em 1981, por razões familiares, retornei ao RS, e ao Departamento de Filosofia da UFRGS. Em 84 escrevi minha tese de doutorado, um estudo do processo de formação do Estado moderno na Europa ocidental, que viria a ser publicada como livro. (Brasiliense-CNPq, 1989). Durante esse período, dediquei-me especialmente a temas de filosofia política, notadamente às questões relativas à fundação constitucional, que tratei fazendo apelo à doutrina dos atos de fala de Austin e dentro de cujo desenvolvimento introduzi o conceito de **performativos de risco**.

Fale-nos sobre seu foco de pesquisa e sua produção.

Além dos estudos mencionados anteriormente, a partir dos anos 90, motivado pelo programa e pela preparação do concurso para professor

titular na UFRGS, passei a ter a filosofia teórica de Kant como tema principal de minha pesquisa em filosofia. Nos estudos que venho desenvolvendo desde então, tenho procurado ler Kant à luz das discussões recentes sobre a teoria da cognição ordinária e elementar, notadamente as desenvolvidas pelos grandes filósofos anglo-americanos, como Strawson, Quine, Gareth Evans e, por um outro lado, Donnellan, Kripke, Dretske e, mais recentemente, Taylor e Burge. Isso não me impediu, porém, que escrevesse também sobre Hegel e Heidegger, assim como sobre temas de filosofia política.

Os cursos de mestrado e doutorado são importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Como fazer a pesquisa acontecer em termos de graduação?

Creio que a pesquisa na graduação pode ser estimulada pela exigência de que os estudantes façam trabalhos de leitura, resumo e interpretação de textos. Essa é, contudo, uma atividade que exige muito dos docentes, que precisam ler e corrigir detalhadamente trabalhos compostos por jovens que não foram preparados adequadamente para a escrita e nos quais os problemas de compreensão conceitual se enovelam com problemas de sintaxe e de impropriedade semântica. Na verdade, essas questões mais básicas deveriam ter sido resolvidas na escola secundária, mas infelizmente isso nem sempre é o caso.

Qual a contribuição do Mestrado em Filosofia para a Instituição e para a região?

Do ponto de vista do desenvolvimento econômico e social, Caxias é mais importante para o Rio Grande do Sul do que Campinas é para São Paulo. No domínio cultural e acadêmico, porém, não se pode dizer que haja esse mesmo destaque, a despeito de que a UCS seja uma Universidade séria, respeitada e bem-avaliada. Para fazer com que a cultura regional se coloque em posições de vanguarda, como ocorre no caso do desenvolvimento econômico e social, a criação de um programa de pós-graduação em filosofia de primeira linha – embora esteja muito longe de prover uma condição suficiente – é certamente uma contribuição significativa, especialmente se associada, como parece ser o caso, a um esforço focado e contínuo de ampliar e qualificar a pós-graduação na Universidade de Caxias.

Quais são as linhas de pesquisa do mestrado em Filosofia?

Por razões em parte associadas ao perfil dos docentes, mas principalmente por sensibilidade ao que nos parece ser uma demanda aguda do panorama científico, filosófico e político contemporâneo, fizemos da Ética a área de concentração do Programa, cujas duas linhas básicas de pesquisa são: *Conceitos fundamentais de ética e Problemas interdisciplinares de ética*.

A primeira, tem como objetivo tratar as questões éticas no plano conceitual, exigido pelo estudo verdadeiramente acadêmico de tais questões; a segunda, deverá procurar retirar as questões de ética aplicada da discussão de senso comum, para tratá-las com a propriedade e a profundidade que somente o conhecimento técnico-filosófico da problemática permite.

Como o PPGFil, coordenado pelo senhor, contribuirá para o desenvolvimento da pesquisa no centro?

Bem, um programa de Pós-Graduação tem um efeito direto sobre a orientação do contexto institucional em que se enquadra, pois lhe cabe a tarefa de circunscrever os problemas mais relevantes nas diferentes circunstâncias, identificar as tendências de orientação da pesquisa mais significativas e promissoras, proceder à atualização das coordenadas doutrinárias e, por conseguinte, bibliográficas, de sorte que o curso de graduação que lhe esteja associado certamente será estimulado pela função de liderança intelectual que o PPG deve exercer.

Quais são os desafios do ensino universitário do futuro e como enfrentá-los?

O principal desafio do sistema universitário brasileiro é o de compatibilizar a ampliação qualitativa da formação universitária com a preservação do rigor, da especialização, da profundidade e da erudição que devem caracterizar a educação universitária. Sem isso não se terá sucesso no exercício da insubstituível função acadêmica de formar a elite científica e cultural, sem a qual nenhum país pode ter autonomia e destaque genuíno no mundo contemporâneo. Dar adequadamente conta dessa tarefa não é fácil, e a verdade é que no Brasil temos ficado ainda longe não só do ideal, mas do basicamente necessário.